

A Influência da Literatura Infantil na Formação do Pequeno Leitor

Andréa Carla Neiva Lima¹

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Especialização em Língua Portuguesa, destaca a importância da leitura e da família no processo de desenvolvimento da criança, ou seja, ao longo da leitura vamos perceber que este processo se dá em diferentes etapas e formas de apresentação da criança ao mundo de sonhos e fantasias. É importante ressaltar que a leitura, para o mundo infantil, nunca foi considerada um aspecto relevante da educação, sendo dessa forma ignorada por muito tempo. A leitura infantil, ao ser reconhecida como um instrumento de grande poder para a formação do caráter e desenvolvimento social do indivíduo, tornou-se um grande aliado dos educadores nas escolas e dentro dos lares, a fim de levar ao conhecimento do público infantil, um mundo de encantamento que ficará registrado em sua memória por toda a vida.

Palavras chave: Criança. Desenvolvimento. Família. Escola. Contos de fadas.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo verificar a influência da literatura infantil no processo de formar a criança como sujeito-leitor, analisando a contribuição da escola ao selecionar os livros por faixa etária e estimular, de forma criativa, o gosto pela leitura.

Vale ressaltar que o gosto pela leitura deve ser despertado dentro da família, ou seja, dentro de casa, com os próprios pais, desde quando a criança ainda é um bebê. Como consequência desse procedimento, as crianças serão mais concentradas nos estudos e na leitura do mundo, pois a leitura permite que a criança viaje no território da imaginação, através das histórias infantis.

¹ Pós-graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa

A tarefa da escola, associada à natureza da literatura, favorece o desenvolvimento intelectual da criança e ambas passam a atender às mínimas necessidades da criança, na medida em que são portadoras de um caráter educativo. A criança deve ter um contato profundo com o texto, porque é através dele que ela vai vivenciar um mundo imaginário, fundamental para a compreensão do que acontece a seu redor, tornando-se capaz de escolher os caminhos com os quais se identifica. Nesse processo de construção do conhecimento, o papel do professor torna-se indispensável, pois, como orientador, vai provocar, em seus alunos, a leitura reflexiva, valiosa para a formação do indivíduo.

Sabe-se que a literatura infantil exerce uma forte influência sobre a criança, pois a leva a um mundo imaginário, onde tudo pode acontecer. É onde o fantástico prevalece, é também através dela que a criança viaja sem sair do lugar, e sem precisar de autorização dos pais. E o mais importante: é uma viagem gratuita e maravilhosa, que deixará, no leitor mirim, belas lembranças. Quando o leitor tornar-se adulto, essas experiências serão transportadas para seus filhos, e assim por diante. Muitos adultos, quando criança, foram influenciados por um determinado livro. O livro traz o conhecimento do mundo, do homem, das coisas, da natureza etc. Os livros formam o gosto pela leitura. A leitura possibilita escolhas no mundo, fundamentando a vida adulta.

Dentro do mundo da literatura infantil, encontram-se os contos de fadas e as fábulas, que durante séculos atravessaram e atravessam o imaginário infantil, alimentando sonhos e contribuindo para a formação do indivíduo em um ser pensante e com espírito crítico. É também através das histórias infantis que a criança começa a adquirir os seus primeiros conceitos de mundo, inclusive tendo noção do medo, da morte, da perda, do ganho, do que é ruim, do que é bom, do belo, do feio e, com isso, ela começa a demonstrar seus sentimentos, incluindo o riso, o choro, a raiva e a alegria de encontrar nas histórias sempre um final feliz.

Como Tudo Começou!

Quando decidi fazer o curso de Especialização em Língua Portuguesa, tinha total ciência de que teria que apresentar um trabalho escrito como forma de conclusão de tudo aquilo que aprendi durante esse período. Dessa forma, decidi falar sobre A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL

NA FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR, pois vivi essa experiência dentro de casa, com minha própria filha Beatriz, pois desde cedo apresentei-lhe o mundo mágico da leitura e fui testemunha do despertar dela para o maravilhoso mundo do faz-de-conta, inserindo-lhe os conceitos de certo e do errado, do belo e do feio, do medo e da coragem, incluindo em seu mundo a morte representada como uma perda.

Tudo começou com a leitura de *O Patinho Feio*, que foi a primeira historinha de que mais gostou. Ela gostou tanto da narrativa que qualquer pessoa que chegava a nossa casa, lá vinha ela com o livro na mão e pedia à visita que lesse a historinha, até que acabou gravando tudo, e se pulássemos alguma parte da história, imediatamente ela corrigia com exatidão os fatos.

Comecei a pedir-lhe que me contasse a história, como se simulasse que estivesse lendo, é obvio que ela ainda não lia, mas de tanto ouvi-la, acabou gravando o enredo. A leitura dessa história não tinha hora e nem momento para acontecer, sendo repetida várias vezes ao dia. Comecei a comprar outros livros de histórias infantis para diversificar a escolha das narrativas, pois já estava ficando cansativo, pelo menos para mim, repetir várias vezes a mesma história. O único problema foi minha filha ter que aceitar que existiam outras histórias para serem lidas e ouvidas, até que, aos pouquinhos, ela acabou gostando da diversidade. Lembro-me bem de que ela não podia dormir sem que lesse ou contasse alguma história. Às vezes, sentia-me tão cansada que chegava a pedir-lhe desculpas por não atender ao pedido, e prometia que contaria no dia seguinte. Há ainda, animações que dava aos bichos dela, ou seja, dava vida aos brinquedos, ela conversava com eles como se fossem de verdade, contando-lhes até segredos. Esse procedimento acabou se tornando um hábito corriqueiro e, quando precisava contar algum fato para mim, exigia que colocasse a Tica (é uma coelhinha branca já usada, que ganhou da prima) junto de nós, pois precisava de companhia para conversar. Não lhe passava pela cabecinha que nós poderíamos conversar a sós, queria de fato a participação da Tica, pois acreditava que a mesma tinha vida e era importante para minha filha que ela participasse da conversa. Posso dizer que acabei construindo um antropomorfismo com a boneca.

Diante dessa experiência, é importante lembrar que nem sempre a criança é apresentada, de forma satisfatória a esses procedimentos, ou seja, nem sempre a criança tem a oportunidade de ser apresentada aos livros desde cedo, seja porque os pais não sabem ler ou não possuem o hábito da leitura,

seja porque os livros estão financeiramente inacessíveis para grande parte da população brasileira, pois não é todo mundo que pode comprar regularmente um livro, seja porque a criança precisa ir para a rua trabalhar, e com isso não vai à escola, ou seja, porque apresenta algum tipo de dificuldade em relação à própria leitura, sendo gerada assim uma aversão a toda e qualquer leitura, transformando-se o não-leitor em um adulto com deficiência de vocabulário, fraqueza na argumentação, dificuldades nos relacionamentos, vítima de timidez e com baixa estima, o que só lhe permite conseguir empregos em que o nível de instrução não é muito relevante.

É de fato uma grande barreira a ser derrubada, porém não depende só de nós, integrantes de uma grande família de leitores, escritores e pensadores com vontade de mudar o mundo, e sim, de um poder maior, que é o governo, que através de incentivos e de propostas para melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda, gerando empregos e investindo em escolas que promovam o hábito da leitura de uma forma prazerosa, poderá abrir caminhos de acesso à leitura e, a partir daí, juntos transformamos o Brasil em um país de leitores.

Origem da literatura infantil

A preocupação em se falar sobre uma literatura infantil surgiu aproximadamente na segunda metade do século XVII, na França, durante a monarquia de Luís XIV. As narrativas eram contadas pelos adultos e para os adultos, sendo que, indiretamente, as crianças também participavam da contação. Foi a partir desse período que as histórias ou narrativas contadas oralmente aos adultos foram dando lugar a uma literatura especificamente dirigida ao público infantil. As crianças desse período ainda eram tratadas como adultos em miniatura, por esse motivo elas também tinham seus deveres e obrigações, sendo que em grau de responsabilidade menor que o atribuído aos adultos.

Anteriormente, na Idade Média, a criança era tratada como se fossem um delicado e muito querido bichinho de estimação. E a morte, para esses pequenos, acontecia muito cedo e também era muito comum, e a perda desse ente querido, apesar de sentida, era banalizada, pois ocorria em qualquer família. Essas mortes eram consequências da falta de higiene, da fome ou de irregularidades nas condições climáticas.

Tudo isso é, na verdade, muito triste, mas qual seria a saída para reverter esse quadro, uma vez que sabemos que a leitura exerce uma importante

função que é a de formar a criança em um adulto com pensamento crítico, com poder de argumentação, com autonomia de pensamento e de decisão?

Conseguindo sobreviver aos riscos da primeira infância, o pequeno indivíduo medieval já se acostumava, por volta dos sete anos de idade, a ser encaminhado para o aprendizado de alguma profissão. Poucas crianças dessa época iam à escola ou permaneciam nela por muito tempo.

Em seu livro *a História Social da Criança e da Família*, Philippe Ariès (1981:4) aponta: “De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média, que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas hoje”.

Participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda a comunidade, independentemente de faixas etárias. Na verdade, a criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas ações talvez, mas já uma pessoa, importante como força na família e na sociedade.

Vale lembrar que o espírito popular medieval, coletivo por princípio, ligado a festas e a atos públicos era, ao mesmo tempo, marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo. Nesse mundo, onde a crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados, elixires, tesouros, fontes da juventude, quebrantos e países utópicos e mágicos era disseminada, crianças e adultos sentavam-se lado a lado nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias.

Nesse sentido, falar em “contos maravilhosos” ou “de encantamento”, referindo-se às narrativas populares medievais pode ser considerado um engano. Não havia neste contexto, principalmente levando-se em conta as concepções populares, uma separação nítida entre o “real” e o “fantástico”.

Não é possível negar que falar em contos de fadas, hoje em dia, liga-se quase que automaticamente a falar em crianças. Sem colocar em discussão suas diversas denominações, contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas ou simplesmente contos populares, importa lembrar

sua notável influência em inúmeras obras da literatura infantil. Não poucos autores de livros para crianças utilizaram e continuam utilizando, como referência, vários aspectos temáticos e formais dos contos populares para desenvolver seu próprio trabalho.

Vínculos entre o conto e a literatura infantil

O conto é típica expressão da cultura popular e, com o passar do tempo, houve uma aproximação entre o conto popular e a infância, ou entre o popular e o infantil.

Já diziam Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, em seu livro *Literatura Infantil – voz de criança*, (2006: 5)

O tema literatura infantil leva-nos de imediato à reflexão acerca do que seja esse “infantil” como qualificativo especificador de determinada espécie dentro de uma categoria mais ampla e geral do fenômeno literário.

Se é verdade que o universo dos contos populares pode, de alguma forma, ser vinculado a um certo “universo infantil”, visto com a devidas ressalvas, a literatura para crianças possivelmente teria outras raízes, desvinculadas da fundação da escola burguesa. Vale a pena apontar alguns tópicos que poderiam aproximar as narrativas populares da literatura para crianças. No plano do significante, sabe-se que os contos populares sobrevivem ao longo dos séculos de boca em boca, transmitidos por bardos, menestrelis e contadores de histórias. Estes, invariavelmente, recorriam a um discurso conciso, a uma linguagem marcada pela expressão oral, fórmulas verbais pré-fabricadas, ditados, frases feitas e a um vocabulário popular e acessível a todos, tendo em vista a comunicação clara e direta com a plateia. Encontra-se, assim, um ponto de semelhança entre os contos populares e a maioria absoluta das obras destinadas ao público infantil: textos concisos, marcados pela oralidade, utilizando vocabulário familiar e construídos com a intenção de entrar em contato com o leitor. Da mesma forma, no plano do conteúdo, muitos pontos de contato unem os contos populares à literatura infantil.

Já dizia Bruno Bettlheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:20)

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esse contos dão vida à vida da criança.

Com a função de divertir as crianças e simultaneamente a construir a personalidade das mesmas, os contos infantis ajudam a lidar com as dificuldades do dia a dia e com os sentimentos negativos que surgem logo na primeira infância, tais como: dor, medo, ingenuidade, rejeição, feiura, entre outros.

A Influência da Família na Formação do Leitor Infantil

A família sempre foi e sempre será a base de toda uma estrutura, seja ela afetiva, biológica, intelectual e/ou educacional. A família, sendo um conjunto de pai, mãe e filhos, torna-se uma presença de grande importância na formação do pequeno leitor, ou seja, é na família que a criança vivenciará suas primeiras experiências de leitura, antes mesmo de chegar à idade escolar. Quem, na verdade, apresenta a criança ao mundo mágico da leitura são os pais e, não, o professor. Essa bagagem de leitura, a criança, ao chegar à escola, já a carrega dentro de si. Sendo a leitura apresentada pelos pais, será explanada de maneira carinhosa, carregada de emoções, pois os pais, sem que percebam, acabam transferindo toda as suas emoções e experiências aos filhos, já que também um dia foram crianças, e participaram da alegria de conhecer as histórias e contos infantis transmitidos pelos seus pais, à época.

Conforme Philippe Ariès em seu livro *A História Social da Criança e da Família*, (1981:5/6)

A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre os pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir a educação. Não se tratava mais apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida.

A importância da leitura dentro da família para a construção da criança em sujeito-leitor nunca foi uma tarefa fácil, uma vez que não existia uma literatura propriamente infantil, ou seja, uma literatura direcionada ao público infantil.

Considerando esse fato pode-se afirmar que a criança, antes da modernidade, era deixada um pouco de lado pela sociedade. A criança não era reconhecida como um indivíduo, que possui emoções e é dotado de uma inteligência admirável.

Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, em seu livro *Literatura Infantil – voz de criança*, (2006: 9) citam:

Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos lingüísticos. [...] Este, tratado fisionomicamente sob o ‘modo de ser’ do adulto, reflete-se para a produção infantil como um receptor engajado nas propostas da escola e da sociedade de consumo. Deverá, sobretudo, apreender, via texto literário infantil, a verdade social.

É dentro do seio familiar que a criança vai receber a segurança necessária em seus primeiros anos de vida, pois ao nascer, tudo é novo, tudo é diferente e ao mesmo tempo estranho para um ser que está em pleno desenvolvimento. Então, nesse caso, esse ambiente familiar acaba se tornado o lugar ideal para o crescimento desse futuro pequeno-leitor. Para ajudar nessa tarefa de transformação do pequeno ser, as histórias contadas pelos pais deverá ser cuidadosamente pré-selecionadas e acima de tudo, interessantes, para que possa despertar a curiosidade da criança.

Já Bruno Bettlheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:13) defende:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação. [...] deve, de uma só vez, relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro.

É a família que verdadeiramente deixa sua marca na vida dos filhos, no que diz respeito à leitura infantil, em qualquer forma de apresentação.

A Figura Feminina nos Contos de Fadas

A origem dos contos de fadas deu-se entre os celtas, com histórias fantásticas que envolviam heróis e heroínas. O termo fada vem do latim e significa “fatum”, o que equivale afirmar que quer dizer destino. Entre as histórias dos heróis e heroínas pode-se citar o ciclo do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, em que são narradas histórias fantásticas de homens em suas armaduras, montados em seus cavalos, e a luta pelo amor de uma mulher.

Nelly Novaes Coelho, em seu livro *Literatura Infantil - Teoria, Análise, Didática* (1191:156), diz:

Segundo o registro mítico-literário, os primeiros contos de fadas teriam surgido entre os celtas, - povos bárbaros que, submetidos pelos romanos (séc. II a.C./séc. I da era cristã), se fixaram principalmente nas Gálias, Ilhas Britânicas e Irlanda. A essa herança céltica, é atribuído o fundo de “maravilhosos”, de estranha fantasia, imaginação e encantamento que caracteriza as novelas da cavalaria do ciclo bretão (ciclo do Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda e sua Dama Ginevra). Foi pois, nas novelas de cavalaria que as fadas teriam surgido como personagens, representando forças psíquicas ou metafísicas.

Fada, em seu sentido amplo, representa a possível realização dos sonhos e ideais dos seres humanos. É o sonho da criança e até mesmo do adulto em encontrar a sua fada-madrinha e poder realizar os seus desejos. É como se fosse um consolo para os problemas que todos vivem, na vida social.

A criança também tem este tipo de sonho ao imaginar que pode vivenciar os fatos apresentados em uma narrativa. Exemplo disso é o caso da história de Cinderela, em que, ao ser impedida de ir à festa, desespera-se e sua fada-madrinha aparece como salvadora daquela situação, realizando seu desejo e concretizando seu sonho.

A figura feminina é sempre constante nas narrativas dos contos de fadas, porque a mulher, sendo um ser dotado de sensibilidade e de intuições, consegue atingir o imaginário, tanto da criança, quanto do adulto. Pode-se pensar também que, sendo a mulher geradora de seres humanos, é aquela que dá a condição de o homem continuar com a espécie humana. A mulher tem a capacidade de ser mãe, protetora, tem algo que é desconhecido pelo mundo masculino. As fadas, em geral, são dotadas de um poder de sedução e encantamento, o que faz com que ganhem um ar de mistério. Na narrativa da Bela Adormecida, por exemplo, há um conjunto de várias figuras femininas: a mãe ausente; a fada má que maldiz a criança; a fada boa que substitui a morte pelo sono e promete um salvador para a menina; a velha fiandeira, desobediente, que conservou o fuso proibido; a menina curiosa e desprevenida que, andando por lugares desconhecidos e subindo por uma escada (símbolo da relação sexual) se fere e adormece, à espera da espada e do beijo.

Essa magia feminina acontece na narrativa de forma positiva: a fada é sempre vista como a salvadora nas situações em que a princesa

se encontra em perigo, e ainda como mediadora, para aproximá-la do seu príncipe encantado. Enfim, o que seria das histórias com mocinhas indefesas, príncipes e bruxas, se não fossem as belas fadas, com seu poder de transformar as situações pelo uso de suas varinhas mágicas?

De acordo com os estudiosos, não foi possível achar a origem da fada, ou seja, não se sabe como, onde e porquê elas nasceram. É de fato que todos possuem em suas vidas certos sonhos que gostariam de ver realizados: é aí que entra, mesmo que inconscientemente, o desejo de se ter uma fada-madrinha, para que todos os desejos sejam realizados, sentindo um prazer de satisfação pessoal.

Nelly Novaes Coelho, em seu livro *Literatura Infantil – Teoria, Análise, Didática* (1991:156), esclarece:

Segundo a Tradição, as fadas são seres imaginários, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, que interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite (quando nenhuma solução natural poderia valer). A partir do momento em que passam a ter comportamento negativo, transformam-se em bruxas. A Beleza, Bondade e Delicadeza no trato são suas características comuns.

Embora a fada seja sempre lembrada entre as crianças como algo bom ou realizável dentro das histórias infantis, as bruxas, apesar de também serem denominadas fadas, sempre serão vista de forma pejorativa ou assustadora, uma vez que sempre foram identificadas como o lado ruim ou mal dentro da narrativa.

Cinderela

Falar em Cinderela é falar de sonhos de menina, de princesa, de castelos, de fada-madrinha, de animais que conversam, de príncipe encantado, de reinos, de magia, de inveja. Ser menina e poder conhecer todo esse universo através da leitura é, com certeza, uma viagem ao imaginário, carregando de simbologia, ou seja, a menina passa a vivenciar tudo aquilo que está contido na narrativa e, inconscientemente, começa a se preparar para a sua futura vida sexual ativa. Os leitores que estão contando a história, percebem que tudo o que é envolvido no relato, sejam sentimentos, objetos que se transformam, pensamentos ou intenções, as ações das próprias personagens (que no caso são os bichos que falam e se transformam em pessoas humanas num determinado momento da história, com o intuito de ajudar

a Gata-Borrallheira a encontrar o seu príncipe encantado e assim vivenciar um final feliz na história), tem seu próprio significado e isso reflete durante todo o enredo.

Não se pode esquecer que a menina, ao ser apresentada a esse mundo de fantasia e de magia, transfere para o seu mundo real aquilo que recebeu de informação e o transforma em uma inocente brincadeira. Imagina ser a Cinderela, ou Gata-borrallheira, veste-se com alguns andrajos e passa a representar como se estivesse sendo a empregadinha da casa, finge falar com os bichos e, para isso, usa os próprios brinquedos que tem, canta e dança como se fosse a legítima Gata-borrallheira, e que depois se transformará em uma linda princesa, com um belo vestido e um par de lindos sapatinhos de cristal, que na história é o ponto chave para a princesa garantir a sua felicidade. O fato de a princesa perder um sapatinho na escada do palácio é o ponto culminante de toda a história, onde é revelada a inveja que sua madrasta e suas irmãs sentem dela, em virtude de sua beleza.

Segundo Bruno Bettlheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:277), existem algumas versões para gata borralheira, mas cita a seguinte:

Sem dúvida alguma, “Borrallheira” é o conto de fadas mais conhecido, e provavelmente o mais apreciado. É uma história bem antiga. Quando foi registrada na China durante o século nove D.C., já possuía uma história. O incomparável pezinho como um sinal de virtude extraordinária, de distinção e beleza, bem como o sapatinho feito de um material precioso são facetas que indicam a origem oriental, mesmo que não necessariamente chinesa. O ouvinte moderno não associa a beleza e a atração sexual em geral com um pezinho extremamente pequeno, como fazem os antigos chineses, de acordo com o costume de enfaixar os pés das mulheres.

Pode-se observar que no conto da cinderela também há uma rivalidade entre as irmãs e ela, e a disputa faz com que Cinderela seja submetida a trabalhos árduos e humilhantes, misturando-se às cinzas do fogão. No livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:277), Bruno Bettelheim registra:

Borrallheira, como conhecemos, é uma estória onde são vivenciados os sofrimentos e as esperanças que constituem essencialmente a rivalidade fraternal, bem como a vitória da heroína humilhada sobre as irmãs que a maltratam. Muito antes de Perrault escrever Borrallheira na forma que é mais divulgada hoje em dia, “ter de viver entre cinzas” era símbolo de ser rebaixado em comparação ao um irmão, independente do sexo dele.

Na Alemanha, por exemplo, havia estórias onde um menino que vivia entre as cinzas, mais tarde se tornava rei, de forma comparável à de Borracheira.

Gata Borracheira vai ao baile (primeiros jogos amorosos, como a dança dos insetos), mas não pode ficar até o fim (a relação sexual) sob pena de perder os encantamentos antes da hora. Deve retornar à casa, deixando o príncipe doente (de desejo), e com o par de sapatinhos momentaneamente desfeito, ficando com um deles, que conserva escondido sob as roupas.

Borracheira e o príncipe devem aguardar que os emissários do rei-pai a encontrem, calce os sapatos, completando o par. Sapatos que são presentes de uma mulher boa e poderosa (fada) e que pertencem apenas à heroína, de nada adiantando os truques das filhas da madrasta (cortar artelhos, calcanhar) para deles se apossarem. As filhas da madrasta querem sangrar antes da hora e, sobretudo, querem sangrar com o que não lhes pertence, de direito (relação sexual ilícita, repressivamente punida pelo conto).

A simbologia do sapatinho de cristal

Na história de Cinderela existe toda uma simbologia envolvendo o sapatinho de cristal e o pezinho a ele correspondente, e dessa forma, simbolicamente, estaria concretizando o casamento, ou seja, a dona do sapatinho desposaria o príncipe. Em uma das versões de Cinderela, a história é contada da seguinte forma: Cinderela é presa num sótão por sua madrasta, que tinha conhecimento da sorte de Cinderela e, para ter certeza de que a enteada não teria oportunidade de ser feliz, aprisiona-a. Suas irmãs preparam-se para experimentar o sapatinho de cristal e há uma disputa entre elas sobre qual das duas seria a dona do sapatinho, tentando, de toda forma, encaixar nele os seus pés, por sinal feios e grandes.

Na China, havia um folclore do pé e do sapato, os pequenos pés pontudos de uma mulher eram considerados um atributo indispensável à beleza feminina e a parte mais íntima do corpo feminino: o centro do seu “sex-appeal”, o símbolo da feminilidade. A origem do hábito de enfaixar os pés remonta ao século V, há quem diga que começou com o gesto de vaidade das bailarinas, que desejavam ter os pés do tamanho de uma flor de lótus.

De acordo com a publicação no site: amulhernachina.blogspot.com.br/2008/03/nota-sobre-os-sapatos-e-meias-das.html, a explicação para essa história é outra. A China dos primeiros séculos depois de Cristo era anualmente invadida pelos rivais da Mongólia, que levavam não só as co-

lheitas como as mulheres chinesas. Como a predileção dos mongóis recaía sobre as moças fisicamente perfeitas, adotou-se o hábito de enfaixar os pés dos bebês do sexo feminino, de modo a deformá-los, evitando a cobiça dos invasores. De acordo com a explicação de Hoong Jin Pai, chinês formado em medicina pela USP, com mestrado em acupuntura feito em Pequim, esta “era uma tática de defesa pacífica”. Com o passar do tempo, ter os pés enfaixados tornou-se símbolo de distinção social, já que obrigava as mulheres a ficarem confinadas a seus aposentos, porém essa tortura se estendeu também a todas as classes sociais, uma vez que ter os pés enfaixados era o acontecimento mais marcante na vida das mulheres, ou seja, estabeleceu-se uma cultura feminina. Enfaixá-los era conquistar a suprema arte da feminilidade. Essa tradição durou cerca de mil anos.

Retornando ao conto sobre Cinderela, observa-se que, nesse meio tempo, a heroína, com a ajuda de seus amigos bichos – os pássaros, ratos, o cachorro e o cavalo -, consegue se libertar da prisão e ir ao encontro do tão sonhado momento, que é o do reconhecimento do sapato. O momento do encaixe pode representar, aqui, o próprio ato sexual, ou seja, segundo Paul Diel, o pé é símbolo da força da alma. É também um símbolo fálico infantil: no conto de Cinderela, o sapato é um símbolo da sexualidade feminina e o pé, um símbolo fálico, ou seja, representa o órgão sexual masculino do homem, o pênis.

Branca de Neve

Branca de Neve é um dos contos de fadas mais conhecidos do mundo.

Em uma das versões, a história é contada da seguinte forma: a mãe de Branca de Neve, então uma rainha, estava sentada perto de uma janela cuja moldura era de ébano negro e, ao mesmo tempo em que costurava, olhava para a neve; distraído-se picou o dedo com a agulha e três gotas de sangue caíram sobre a neve. Na mesma hora a rainha desejou ter uma filha branca como a neve, rosada como o sangue e os cabelos negros como o ébano.

Pouco depois nascia uma criança com essas mesmas características e recebeu o nome de Branca de Neve; porém, no dia do parto, a rainha morreu e, quando a criança completou um ano, o rei casou-se novamente. De acordo com a versão dos irmãos Grimm, não se tem notícias sobre os primeiros anos de vida da Branca de Neve, mesmo tendo a mãe sido substi-

tuída por uma madrasta. A situação só começa a se tornar ameaçadora para a madrasta quando a Branca de Neve completa sete anos, pois é a partir daí que começa o amadurecimento da menina e a rainha passa a ter ciúmes da beleza dela que ainda nem chegou a exceder a sua própria. O narcisismo da madrasta chegou a um nível patológico, ou seja, uma busca incessante de se olhar no espelho, qualidade daqueles que se acham melhores em tudo, extremamente vaidosos, seja da beleza, seja da inteligência. De acordo com a lenda, Narciso significa o amor por si mesmo, na Ásia era considerado símbolo da felicidade, personificação do deus Narciso, de fantástica beleza, mas cuja indiferença desesperava as ninfas, por isso Narciso tornou-se símbolo da frieza.

Na linguagem das flores, flor dos amores passados, o narciso corresponde ao branco e expressa a seguinte mensagem: “Você não tem coração?”. Este narcisismo todo levou a rainha a buscar a confirmação de sua beleza através do seu espelho mágico e este a confirma, pois Branca de Neve ainda não representa uma ameaça estética, o que só vai ocorrer quando a menina crescer e se tornar uma moça, ganhando sua independência, como toda criança na fase de crescimento, já que os pais, quando decidem ter um filho, sabem que esta criança nasce para o mundo e, não apenas para eles.

Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:242), escreve:

Quando a rainha consulta o espelho quando ao seu valor – i.e., a beleza – repete a tema antigo de Narciso, que só amava a si mesmo, de tal forma que foi tragado pelo auto-amor. Os pais narcisistas são os que se sentem mais ameaçados pelo crescimento da criança, pois isto significa estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente é como se ela fosse uma parte dos pais: não ameaça o narcisismo paterno. Mas quando começa a amadurecer e atingir certa independência, então é vivenciada como uma ameaça, como sucede em Branca de Neve.

O narcisismo da madrasta é justificado pela insegurança que sente, com a presença de Branca de Neve, crescendo e se tornando uma mulher. Tal fato vai gerar uma disputa pelo amor do rei que ficará entre Branca de Neve e a rainha, e, ficando Branca de Neve mais bela que a rainha, isso a faz pensar que o rei ame mais a filha do que a ela mesma. Essa disputa pelo amor de pai de Branca de Neve vai resultar na atitude da rainha, expulsando

a menina de casa, o que não impede que ela cresça, apesar de estar longe dos olhos do pai e da rainha.

Existe uma versão que conta que a madrasta manda o caçador levar Branca de Neve para passear na floresta, porém com a intenção de matá-la, e como prova de seu serviço, tinha que trazer dentro de uma caixa, que mais parece um cofre, o coração da princesa. Só que, durante a execução, o caçador não tem coragem de matar Branca de Neve e a liberta na floresta, deixando-a fugir. E, no lugar que havia de levar para a rainha a prova do seu serviço executado, o caçador mata um porco e retira o coração do animal e o coloca dentro da caixa, entregando-o a rainha que sorri maquiavelmente satisfeita.

O fato de sair de casa em busca da liberdade não é o melhor caminho a seguir, já que o mais importante de todo o desenvolvimento da criança na puberdade é a solução dos problemas internos que possui e, para isso, é preciso resolvê-los para poder enfrentar os problemas (os perigos) do mundo de maneira consciente, como é o caso de Branca de Neve. Quando se vê sozinha e percebe que terá de enfrentar os grandes perigos da floresta, percebe que tem que caminhar por seus próprios passos, para um desenvolvimento forçado que a vida proporcionou-lhe, resultando no seu precoce amadurecimento. A sorte que teve de não ser morta pelo caçador fez com que percebesse o perigo que era ficar dentro do castelo, perto de sua madrasta, porém não compreende que o amor que sentia pelo pai era natural e o sentimento era recíproco e verdadeiro. Este sentimento. Enquanto estava na casa do pai, não significava pra ela um problema, o que para a madrasta era uma verdadeira ameaça.

Em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bruno Bettelheim explica que a relação dos pais entre si não sofre interferência do amor que um dos dois sente pela criança, isto só começa a gerar problemas quando um dos pais é vaidoso demais, ou quando a relação dos pais não é boa, favorecendo uma dedicação maior pela criança, o que é bem tolerado pelo outro genitor.

Do ponto de vista infantil, a situação se torna diferente, uma vez que a criança ainda não sabe encontrar uma solução confortável para os ciúmes que sente dos pais ou pela situação de que os pais “gozam” como adultos, ou seja, a criança ainda não tem uma liberdade para fazer o que quiser. Impedida de gozar dos mesmos privilégios, a criança sente-se insegura, adotando um sentimento de inferioridade que inconscientemente é transformado num sentimento de superioridade, ou seja, o pequeno lança

seus sentimentos em seus pais não admitindo o seu ciúme e reagindo de uma forma contrária; na verdade, para a criança, quem está sentindo ciúme é a mãe ou o pai por ele, e não ele pelo pai ou mãe.

Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:244), explica:

A história antiga de contos como ‘Branca de Neve’ sugere que isso é um fenômeno muito antigo. Mas a competição entre os pais e o filho torna a vida insuportável para todos. Sob essas condições a criança deseja libertar-se e livrar-se do pai, que a força a competir ou a submeter-se. O desejo de livrar-se dos pais suscita uma culpa grande, por justificada que seja a situação quando encarada objetivamente. Por isso, numa reversão que elimina o sentimento de culpa, esse desejo também é projetado nos pais. Assim, nos contos de fadas são os pais que tentam livrar-se dos filhos como em Branca de Neve.

Quando a criança chega à fase adolescente, a competição ainda não termina, e ela se acha melhor que os pais, sentindo-se tomada por um sentimento de superioridade, ou seja, na cabeça dela são os pais que disputam a preferência do filho. Também existem pais que tem a consciência de que estão envelhecendo e começam a criar uma disputa de querer ser melhor que os próprios filhos, fazendo comparações dos seguintes tipos: o pai se mostra tão bom quanto o filho, falando sobre suas façanhas sexuais, e a mãe querendo permanecer jovem e atraente, não consegue enxergar o papel ridículo que faz ao se vestir com roupas que seriam apropriadas para a idade de sua filha adolescente.

3.3 *A bela adormecida*

A história da Bela Adormecida constitui uma narrativa em que se fala, essencialmente, de uma jovem que dorme um sono prolongado, simbolicamente representando o início da puberdade, ou seja, a menina passa por uma transformação em seu corpo para poder expelir o primeiro sangramento, a que chamamos de menstruação ou menarca, e esse sono prolongado representa um estado de espera para a conclusão da passagem de menina a mulher, quando então, vai poder casar e iniciar a sua vida sexual.

Qualquer que seja a versão da Bela Adormecida, o assunto central é que, por mais que os pais tendem de todas as formas impedir o despertar para a puberdade, esse vai acontecer de forma implacável, isto é, não há como

evitar a maturidade no seu devido tempo, que, na história, é representado pelos cem anos de sono da donzela. Tudo é determinado e deve acontecer ao seu tempo. A instalação da puberdade é inevitável e todos os esforços que o pai da Bela Adormecida faz, após ter conhecimentos da maldição da fada má, indicando que a menina, ao completar quinze primaveras, picaria o dedo em uma roca e morreria, são em vão. O desespero do rei fá-lo ordenar que sejam destruídas todas as máquinas de tear do reino, queimando-as. Tomado de desespero, acredita que poderá reverter essa maldição, o que na verdade é impossível. Uma das fadas boas consegue transformar essa maldição em um sono profundo que terminará após cem anos, que é o tempo simbolicamente necessário para a menina conquistar a maturidade.

O fato é que os pais não aceitam ou não querem acreditar que um dia seus filhos irão crescer e se tornarão adultos, terão vida sexual ativa como qualquer pessoa e, a partir daí, poderão gerar filhos e dar continuidade às gerações. Os pais sempre vão olhar para seus filhos, por mais que estejam adultos, e até mesmo de cabelos brancos, como se fossem bebês.

Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:272), aponta:

A ausência temporária dos pais quando o fato ocorre simboliza a incapacidade dos pais protegerem os filhos das várias crises de crescimento pelos quais, todo ser humano tem de passar.

O início da narrativa, na versão dos Irmãos Grimm, revela o desejo dos pais, o rei e a rainha, em ter um filho, e apropriada ansiedade faz com que esse desejo seja prolongado até a sua realização. De acordo com Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:267), a história possui duas versões conhecidas em nossos dias, mas, antes de mencioná-las, é importante salientar que a narrativa foi baseada no Pentamerone, de Basílio, em que recebe o nome de “O Sol, a Lua e a Tália”.

A história de Basílio é apresentada da seguinte forma: quando nasceu sua filha Tália, o rei convocou todos os sábios e videntes para profetizar o futuro dela e concluíram que ela se exporia no futuro a um grande perigo, devido a uma farpa de linho. Para impedir esse desastre, o rei ordenou que nunca entrasse linho ou cânhamo no castelo. Mas um dia, quando Tália já era crescida, viu uma velha fiando à janela. Tália, que nunca vir isto antes, “ficou encantada com o movimento do tear.” Curiosa, pegou a meada nas mãos e começou a desembaraçá-la. Uma farpa de cânhamo “entrou sob sua unha e ela caiu imediatamente morta no chão.” O rei colocou sua filha

inerte sentada numa cadeira de veludo no palácio, trancou a porta, e partiu para sempre, a fim de apagar a lembrança de sua dor.

Nas versões de Perrault e dos irmãos Grimm, há uma sinalização através da história, de que se deve esperar o amadurecimento orgânico e emocional para iniciar-se a vida sexual, e esse amadurecimento ocorre a partir da puberdade, tanto dos meninos quanto nas meninas, e a menstruação é um sinal de que a puberdade chegou para elas (o que para os meninos ocorre de uma forma diferente), acontecimento simbolizado, na história, pela passagem em que a donzela espeta o dedo no fuso de uma roca. A fada má pune o rei que a excluiu de uma festa dedicada à fertilidade (o nascimento da princesa) decretando a morte da menina quando esta apresentar os sinais da fertilidade (maldição que simboliza o medo das meninas diante da menstruação e da alteração de seus corpos). A morte desejada pela fada má é repelida por uma fada boa, encarregada de contrabalançar o equívoco e o descuido masculino que não suprimiu todos os fusos, colocando a menina na tranquilidade sonolenta da espera. A morte aqui representa simbolicamente a morte da infância e a passagem para a vida madura.

Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2003:275), esclarece que:

A estória de *Bela Adormecida* imprime na criança a ideia de que uma ocorrência traumática – como o sangramento da moça no início da puberdade, e depois, na primeira cópula – tem consequências felizes. Implanta o pensamento de que estes acontecimentos devem ser levados a sério, mas que não precisamos teme-los. A “maldição” é uma benção disfarçada.

O fato de a donzela estar adormecida significa que ainda não chegou o seu momento para iniciar uma vida sexual ativa, o que deve acontecer naturalmente, pois tudo que é antecipado é destrutivo, ou seja, os fatores biológicos devem acontecer no percurso natural da vida.

A narrativa relata que, durante o sono da princesa, vários pretendentes prematuros tentam alcançar a *Bela Adormecida*, antes do período de cem anos, ou seja, antes de sua maturação. O fim dos pretendentes é triste, uma vez que terminam morrendo antes de alcança-la: ficam presos nos espinheiros, até perecerem. Porém, quando a *Bela Adormecida* é despertada do seu sono, simbolicamente significa que o tempo de amadurecimento chegou ao fim e ela está preparada física e emocionalmente para o amor e, por consequência natural, para o sexo e o casamento. Tudo em sua volta muda. Os espinhos começam a transformar-se em flores, e o que antes era

cercado, como forma de proteger a tão sofrida transição da infância para a juventude, agora organiza-se como espaço aberto para a transição da infância para a juventude, agora organiza-se como espaço aberto para a entrada do príncipe. O beijo, que em muitas culturas representa não só o amor e a amizade, mas também simboliza um pacto ou uma aliança, contrabalança o medo que a espada poderia provocar, pois a espada é instrumento de guerra e morte.

As Ilustrações como Forma de Atrair o Pequeno Leitor

O que seria do livro infantil sem as suas ilustrações ou desenhos, como as crianças preferem chamar? Toda criança associa o livro infantil às figuras ilustradas. É o fato que essas figuras coloridas chamam a atenção do pequeno leitor para a leitura que será feita. Figuras bem ilustradas, capas bonitas e bem coloridas são um grande atrativo, tanto para o adulto, quanto para a criança.

São também uma forma de desenvolver o imaginário e levar a fazer a criança a uma viagem proporcionada pelas imagens visuais, incluindo-se, nesse grupo de viajantes, as crianças ainda não alfabetizadas, ou seja, crianças que estão em uma faixa etária que varia do bebê até infantes de mais ou menos cinco anos, período no qual a criança é apresentada à leitura.

Não há como negar a grande contribuição que essas figuras coloridas dão ao processo de ensino-aprendizagem, quer dizer, são essas figuras que chamam a atenção do pequeno leitor para o fantástico mundo da leitura, e com ela poder vivenciar as primeiras experiências de leitura. A figura colorida possibilita à criança construir histórias a partir daquilo que está vendo. É uma leitura sem-limite, ou seja, o imaginário infantil faz sua própria interpretação sobre o desenho que está sendo observado. O adulto também acaba seduzido por essa magia que é o mundo da ilustração, o que vai culminar na compra do livro pela capa ou pelas figuras bonitas que ele contém. Sem falar na utilização dessas ilustrações com a finalidade de auxiliar na contação de uma história para a criança, de acordo com o que está vendo, e a partir daí será criado um laço sentimental tão forte que ficará registrado na memória infantil por toda a vida e transmitido para a próxima geração.

Nelly Novaes Coelho, em seu livro *Literatura Infantil – teoria, análise, didática* (1991, 174), cita:

...cada palavra tem sua importância, cada detalhe do desenho também. [...] Texto e imagem devem formar um todo. Trata-se de habituar a criança a “interrogar o acontecimento”, a descobrir o sentido tanto do texto como da imagem. É importante basear-se sobre a expressão oral, pois não se trata apenas de decifrar um texto, mas sim de compreendê-lo. Tudo o que concerne à linguagem escrita deve, pois, enraizar-se na língua oral para que a criança compreenda realmente que o escrito pode ser a tradução do oral. [...] Os textos devem ser curtos e vivos, a construção da frase manter-se elementar, o vocabulário cuidadosamente estudado, sem subestimar as possibilidades da criança. Os textos desses primeiros álbuns de leitura devem ser escritos numa linguagem simples, concreta, direta, podendo conter repetições, estribilhos, para familiarizar a criança com as mesmas palavras, as mesmas expressões. A trama das histórias é ainda o reflexo da vida cotidiana das crianças, ou transportá-las para o mundo animal. Os temas se ampliam. (François Faucher in Boletim nº 38, p.11)

Ilustração, de acordo com a definição de dicionário, significa ato ou efeito de ilustrar; conjunto de conhecimentos; saber; revista com estampas; estampa ou gravura de publicação.

As ilustrações ganharam um espaço respeitável no que se refere a estimular a criança a ler, uma vez que elas não são um complemento do texto e, sim, o próprio texto.

Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, em seu livro *Literatura Infantil – voz de criança*, (2006:15), esclarece:

Entra em cena a função pedagógica, que se utiliza da imagem como uma estratégia para materializar, determinar e preencher aquilo que poderia se transformar, pela imaginação do leitor-criança, num campo vago e impreciso de possíveis construções imagéticas. Para fazer frente a esse risco, a ilustração surge em momentos decisivos da estória, ou para mostrar como são as personagens centrais – heróis e vilões – em termos de atributos físicos e psicológicos, ou para concretizar certas cenas, pontos de tensão da intriga, que se deseja gravar na memória do receptor.

As crianças leem mais a convite das imagens do que a pedido de quem quer que seja, pois o livro sem imagens não possui o mesmo

atrativo que o livro com belas ilustrações. Criança gosta de vida, do que é alegre, aquilo que é colorido lhe chama a atenção e faz com que fique preso, positivamente, à imagem, criando dessa forma um futuro e assíduo leitor. É por esse caminho que a criança chega ao livro sem imagens visuais e ainda assim não deixa de se entusiasmar com os enredos e personagens.

Conclusão

A criança, ao mergulhar no mundo dos contos de fadas, recebe forte influência desse tipo de literatura, uma vez que a mesma irá ajudar na construção do caráter desse futuro ser pensante ao abordar sobre ética, sentimentos, dificuldades, diferenças entre o bem e o mal, saberá lidar com frustrações e aprenderá que tudo na vida existe um “limite”, o que irá resultar em um adulto mais feliz.

Os pais, com a função de educá-los na tarefa do bem, tem a oportunidade de usar e abusar das histórias infantis como forma de transmitir alguns valores que a sociedade os considera como aceitáveis e adequados.

Sabemos que passar valores é algo muito complicado e o objetivo da literatura infantil é justamente facilitar esse trabalho, pois ao mesmo tempo que distrai a criança provocando a sua curiosidade, ela também educa ao realizar competências cognitivas e de oralidade.

É com o auxílio do livro que se pode influir sobre a vida afetiva e intelectual da criança, pois ele é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra (texto) e a da imagem (ilustração), de modo a aumentar a compreensão e a eficácia do livro.

Nesse processo de construção do conhecimento é imprescindível que o professor desperte em seus alunos a leitura reflexiva, já que é de grande importância para a criança poder construir dentro de si um pensamento crítico e autônomo, sem aceitar tudo pronto e acabado.

Para a formação de um leitor crítico, o professor deverá se preocupar com a qualidade dos livros que serão trabalhados. No que diz respeito a jovens e crianças, alguns assuntos são proibidos a eles, pelo julgamento equivocado de alguns professores e pais que acham que não poderão compreendê-los.

Com uma linguagem adequada às respectivas faixas etárias, e com recursos visuais que despertem a atenção, tudo poderá ser abordado em um livro.

Já sabemos que cada criança interpreta uma estória à sua maneira, por isso justifica que uma mesma história de um conto de fadas qualquer poderá ter um significado diferente para uma criança de cinco anos e outra para uma criança de treze anos, uma vez que os desejos e os sentimentos são outros.

Dessa forma, tendo fácil acesso aos livros, o aluno se tornará um leitor crítico e aprenderá a pensar interagindo com aquilo que lê. Isso permitirá que se sinta inserido no meio social, á medida que terá uma visão crítica do mundo.

Em virtude do que foi mencionado, pode-se afirmar que a construção do sujeito-leitor acontece a partir da apresentação do livro infantil à criança, uma vez que a importância da leitura na construção do conhecimento se dá através da literatura infantil.

Referências

BECHARA, Evanildo. O que muda com o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil – teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1991.

GANCHÓ, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

JULIEN, Nadia. Dicionário dos Símbolos. São Paulo: Rideel, 1989.

KHÉDE, Sonia Salomão. Literatura infanto-juvenil – um gênero polêmico. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

PALO, Maria José & OLIVEIRA, Maria Rosa D. – Literatura infantil: voz de criança. São Paulo: Ática, 2006.

SACCONI, Luiz Antonio. Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Geração, 2009.

Site: amulhernachina.blogspot.com.br/2008/03/nota-sobre-os-sapatos-e-meias-das.html

Anexo

A origem do enfaixamento dos pés “NOTA SOBRE OS SAPATOS E MEIAS DAS MULHERES” Yu Huai (1617 - depois de 1697)

Comentário de Lin Yutang: Yu Huai é perito em pedras para fabricação de tintas e em mulheres, sendo mais conhecido por seu livro sobre as coristas de teatro de Yangchow. Situa a origem do enfaixamento dos pés nos meados do décimo século, ao passo que um comentarista, Fei Shihuang, escreveu um pós-escrito para contestá-lo, acreditando ser essa origem muito anterior. O certo é que o enfaixamento de pés se tornou popular na última parte do século XI. Para facilitar o acompanhamento do assunto, convém notar que as características distintivas dos pés enfaixados com “sapatos arqueados” são: 1) em lugar de meias simples, longas faixas de seda, talvez de sete ou oito pés de comprimento, eram enroladas em torno dos pés, usando-se por cima delas uma curta cobertura bordada para os tornozelos; 2) tais pés eram considerados muito pequeninos, sendo “três polegadas” o ideal; 3) a forma curva e pontuda dos pés chamava-se o crescenten e os sapatos tinham o nome de “sapatos arqueados”. Saltos altos somente, ou bicos pontudos e virados para cima não indicam, necessariamente, enfaixamento dos pés. “Passos de lótus” e “brotos de bambu” (redondos, curtos e pontudos no bico) são expressões comuns e creio que nem sempre indicam a existência de enfaixamento dos pés. Esse estilo, provavelmente, originou-se na corte licenciosa de certos soberanos como o famigerado “Soberano Idiota Oriental” de Tsi do Sul (aprox. 500 d.C.) e o bom-poeta-mas-mau-governante Nantang Houtsu (que reinou entre 937-978 d.C.), tornando-se mais tarde costume geral. Em vista da exuberância da poesia Tang a respeito da beleza das mulheres, sua falta de referências específicas a esse curioso costume poderia levar a pensar que o enfaixamento de pés não fosse ainda o hábito geral no período Tang (séculos VII a IX). Yu Huai provavelmente está certo.

Não havia diferença entre os pés das mulheres e os dos homens nos tempos antigos. O Chouli (obra clássica sobre o sistema governamental Chou) menciona o ofício do “sapateiro”, que tinha o dever de cuidar dos sapatos de reis e rainhas. Cita tamancos vermelhos, tamancos pretos, trançados de seda, vermelha e amarela, curvas negras, sapatos brancos, sapatos de linho para uso cerimonioso, não cerimonioso e caseiro, destinados a homens e damas de títulos. Isto mostra que os sapatos de homens e mulheres eram da mesma forma. Em gerações posteriores, os pequenos e delgados sapatos arqueados das mulheres foram muito apreciados por seu diminuto tamanho. De acordo com pesquisas que fiz, o enfaixamento do pés começou com Li Houtsu, de Nantang (que reinou d 937 a 978 da era cristã). Tinha ele uma camareira real chamada Yaoniang (Srta. Yao), notável por sua esbelta beleza e suas danças. O soberano mandou fazer um lótus de ouro, de seis pés de altura, adornado de pedras preciosas, festões e borlas de seda. Esse lótus de ouro, multicolor ficava no centro. Mandou a Srta. Yao atar os pés com seda e acocorar-se em cima do lótus, para sugerir a forma de uma lua crescente. Ela dançou no topo do lótus de meias brancas, e fez piruetas sugerindo as nuvens (com as mangas compridas). Muitas pessoas, então, começaram imitar seu estilo. Foi esse o primeiro começo do enfaixamento de pés. Esse costume não teve início antes da dinastia Tang (que começou em 617 da era cristã). Por isso, entre os poemas escritos por tantos poetas, cantando a beleza das mulheres, descrevendo incessantemente com grande interesse seu aspecto e gestos, a riqueza de seus adornos no cabelo e cosméticos faciais, seus mantos e saias, a delicadeza de seus cabelos, olhos, lábios, dentes, cintura, mãos e pulsos, nem uma só palavra foi dita acerca de seus “pés pequeninos”. No Kuyofu (Canções antigas) diz-se: “Novo bordado de seda cobria-lhe o alvo tornozelo e o arco de seus pés era como uma linda fonte” (período Han). Tsao Tsechien (192-232 d.e.) tem uma frase assim: “Ela usava sapatos bordados para longas caminhadas”. Li Po (701-762 d.e.) diz em um poema: “Um par de tamancos denteados de ouro; dois pés brancos; como geadas”. Han Chihkuang escreve: “Seis polegadas de fina pele arredondada resplendem à luz”. Tu Muchih (803- 852 d.e., grande galanteador e poeta) escreve: “Mede um pé menos quatro décimos de polegada”. O documento “Miscelâneas, Segredo Han”, do segundo século da era atual, diz (descrevendo uma jovem escolhida para ser rainha): “Seus pés mediam oito polegadas e seus tornozelos e arcada eram belos e cheios”. Tais menções de “seis polegadas” e “oito polegadas” de pés brancos, macios e cheios

mostram que os pés das damas antes do período Tang não eram curvados para se assemelharem à lua crescente. O caso do Soberano Idiota Oriental de Tsi (aprox. 500 d.e.) pode ser lembrado. Fez ele com que sua concubina real favorita a Srta. Pan, pisasse em reproduções de flores de lótus feitas de ouro e arrumadas no soalho e disse: “Uma flor de lótus de ouro nasce de cada passo seu”. Isto, porém, refere-se às reproduções de flores de lótus que ela pisou, mas não quer dizer que fossem lótus os seus próprios pés. Tsui Pu refere em seu livro sobre a origem das Coisas, o Kuchinchu, que havia sapatos com cabeças de fênix, com duplas tai (solas?), mas não há indicação de que só se referisse a sapatos de mulheres. Na dinastia Sung, poucas mulheres enfaixavam os pés antes do reinado de Yuanfeng (1078-1085). Mas, nos quase quatrocentos anos que se seguiram, a partir da dinastia mongol (1277-1367) até o presente, as modas e exageros antinaturais desenvolveram-se firmemente e caíram em excessos.

Todas as mulheres antigas usavam meias. No dia em que a Rainha Yang Kueifei morreu (aprox. 756 d.C.) em Mahuai, uma aldeã recolheu o pé de um par de suas meias bordadas. Exibiu-o ao público, cobrando cem moedas de quem o tocasse. Li Po diz em um de seus poemas: “Seus pés são brancos como a geada; ela não usa meias de canos pretos”. Um dos nomes dados às meias era chiku (estojo do tornozelo). Quando o Imperador Kaotsung (que reinou de 1127 - 1162 da era atual) soube da morte de seu primeiro-ministro, Tsin Kuei, disse: “Agora, não preciso esconder um punhal em minha chiku”. Assim, as meias, ou chiku, eram usadas tanto por homens quanto por mulheres. A diferença é que as meias, nos tempos antigos, eram pregadas solas, o que não se dá hoje. Nos tempos antigos, podia-se caminhar de meias sem sapatos. Hoje, não podemos fazer isso ... Tsao Tsechien diz: “Move-se ela com passos leves. Suas meias de seda ficam empoeiradas”. Li Houtsu escreve: “Ela desce os degraus perfumados, de meias, trazendo na mão os sapatos de fios de ouro”. Tal, na verdade, é a diferença entre os sapatos e meias antigos e os dos tempos modernos. De saltos altos não encontro menção nos livros. Parecem ser invenção moderna. Algumas damas de Wu faziam saltos de sândalo, cobertos com fina seda rígida. Umas tinham saltos escavados, trazendo dentro, escondido um saquinho com perfume, para que deixassem um rastro aromático ao caminhar. Isto é uma extravagância monstruosa. Menciono tal coisa porque os poemas das dinastias Sung e mongol não fazem referência a isso, de modo que os poetas que queiram escrever a respeito de beldades antigas sejam cautelosos neste ponto.